



XI CIDIL

Colóquio Internacional
Direito e Literatura

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

UMA REFLEXÃO SOBRE EROSIÃO DA COMUNIDADE, DA COMUNICAÇÃO E DA PERCEPÇÃO SIMBÓLICA: DO SUJEITO DE SORTE AO SUJEITO DO DESEMPENHO

A REFLECTION ON THE EROSION OF COMMUNITY, COMMUNICATION AND SYMBOLIC PERCEPTION: FROM THE SUBJECT OF LUCK TO THE SUBJECT OF PERFORMANCE

Angela Vitoria Andrade Gonçalves da Silva¹

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira²

Resumo: O presente trabalho irá, por meio da revisão bibliográfica, refletir sobre a erosão da coletividade e da coesão simbólica, evidenciando a depreciação da literatura em suas potencialidades, a partir da ausência do Direito à Preguiça. Para tanto, analisar-se-á os contornos atuais da sociedade, a partir de Byung Chul Han por um retrato da produtividade, desempenho e do narcisismo coletivo. Nesse processo, a linguagem é capturada para produzir informações – apenas. Sem magia. Sem encanto. Ao mesmo tempo que a sociedade torna narcisista, os símbolos desaparecem. Por esse motivo, avaliar-se-á, a partir de Derrida, a potencialidade – ilimitada – da literatura, que enquanto mediação simbólica é neutralizada por ser uma arma política em constante desconstrução, com a depreciação do seu caráter genuíno através do ataque a linguagem lúdica. Por fim, pretende-se demonstrar a partir do contraponto entre a primazia do trabalho, manipulada e instrumentalizada pelo neoliberalismo, e o Direito a Preguiça de Lafargue, destacando a literatura como possibilidade de libertação da sociedade.

Palavras-chave: desempenho; cansaço; produção; literatura; neoliberalismo.

Abstract: This work will, through a bibliographic review, reflect on the erosion of collectivity and symbolic cohesion, highlighting the depreciation of literature in its potential, from the absence of the Right to Laziness. To do so, the current contours of society will be analyzed, from Byung Chul Han for a portrait of productivity, performance and collective narcissism. In this process, language is captured to produce information – only. No magic. No charm. At the same time that society becomes narcissistic, symbols disappear. For this reason, based on Derrida, the – unlimited – potential of literature will be evaluated, which as a symbolic mediation is neutralized by being a political weapon in constant deconstruction, with the depreciation of its genuine

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Integrada de Território pela Univale – Governador Valadares/MG. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Avançado de Governador Valadares. Pesquisadora FAPEMIG. E-mail: angelavitoriaandrade@hotmail.com

² Professor da Univale – Governador Valadares/MG. Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Mestre em Ciências Jurídico Filosóficas pela Faculdade de Direito de Coimbra. E-mail: bernardogbn@yahoo.com.br



character through the attack on language. playful. Finally, it is intended to demonstrate from the counterpoint between the primacy of work, manipulated and instrumentalized by neoliberalism, and Lafargue's Right to Laziness, highlighting literature as a possibility of liberation of society.

Keywords: performance; tiredness; production; literature; neoliberalism.

INTRODUÇÃO

Em 1976, o cantor Belchior lançava sua música “Sujeito de Sorte”, descrevendo um jovem que, mesmo sofrendo, sangrando, chorando, sente-se “são e forte”. Entre vida e morte. O *sujeito de sorte* é aquele que vive, experiencia, supera, agoniza-se e alegra-se. O sujeito de sorte sente e se comunica. Todavia, o sujeito atual, do desempenho e desventurado, absolutiza a vida *nua*. Em prol da sobrevivência, permitida unicamente pelo trabalho, mascara-se da felicidade. Empaticamente, o regime neoliberal controla sujeitos e afetos, direcionando-os a exploração. O indivíduo torna-se produtor de *si mesmo*, colocando-se em cena. Contudo, em tempos de totalização da produção, solitária, há a comunicação sem comunidade, o que demarca a erosão desta última.

Neste contexto, o presente trabalho irá, por meio da revisão bibliográfica, refletir sobre a erosão da coletividade e da coesão simbólica, evidenciando a depreciação da literatura em suas potencialidades, a partir da ausência do Direito à Preguiça. Para tanto, analisar-se-á os contornos atuais da sociedade, a partir de Byung Chul Han por um retrato da produtividade, desempenho e do narcisismo coletivo. Na atual sociedade, presa nas entranhas neoliberais, a vida se torna mais contingente, efêmera e sem conexões. Em uma estrutura atomizada, o neoliberalismo induz uma comunicação sem comunidade, com sentimentos coletivos sendo cada vez mais raros. Nesse processo, a linguagem é capturada para produzir informações – apenas. Sem magia. Sem encanto. Ao mesmo tempo que a sociedade torna narcisista, os símbolos desaparecem. Os símbolos, assim como os rituais, proporcionam a transcendência do sujeito. O autêntico não se permite vivenciar outras narrativas.



Por esse motivo, avaliar-se-á, a partir de Derrida, a potencialidade – ilimitada – da literatura, que enquanto mediação simbólica é neutralizada por ser uma arma política em constante desconstrução, com a depreciação do seu caráter genuíno através do ataque a linguagem lúdica. Por fim, pretende-se demonstrar a partir do contraponto entre a primazia do trabalho, manipulada e instrumentalizada pelo neoliberalismo, e o Direito a Preguiça de Lafargue, que a partir no ócio, livre da seriedade da produção, o indivíduo poderia se dedicar as artes e virtudes, destacando a literatura como possibilidade de libertação da sociedade de seu narcisismo coletivo e, ainda, com Derrida em busca de uma democracia *por vir*.

1. DO SUJEITO DE SORTE AO SUJEITO DO DESEMPENHO

Em tempos de racionalidade neoliberal³, isto é, tempos em que a sociedade se organiza enquanto modelo empresarial de subjetivação, o indivíduo passa a ser identificado como “uma empresa que deve se gerir e um capital que deve se frutificar” (Dardot; Laval, 2013, p. 372). Nesse contexto, o filósofo sul coreano, Byung-Chul Han se dedica a avaliar o novo tempo sob uma série de perspectivas do sujeito que se dedica incessantemente a produção e os impactos desse *viver* na sociedade. Em uma de suas obras, especificamente A Sociedade Do Cansaço, edição de 2017, o autor avalia a estruturação dessa sociedade, que segundo ele

torna o próprio tempo refém. Ele o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo de trabalho. O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem começo e sem fim. Não exala [nenhum aroma]. A pausa não marca, como uma pausa do trabalho, um outro tempo. É apenas uma fase do tempo do trabalho. Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo de trabalho. O tempo de trabalho é totalizado como tempo. Perdemos o tempo da festa há muito tempo. O fim do dia de trabalho como véspera do dia festivo é totalmente estranho para nós. Trazemos o tempo de trabalho não apenas nas férias, mas também no sono. É por isso que dormimos tão inquietos hoje. O relaxamento também é apenas uma modificação do trabalho, na medida em que serve à regeneração da força de trabalho. A recuperação não é o outro lado do

³ Ao afirmar o neoliberalismo enquanto racionalidade, Dardot e Laval (2013), compreendem os ideais neoliberais não apenas a ação política, mas também a ação dos indivíduos no interior da sociedade, a partir do modelo empresarial como forma de subjetivação. A partir dessa lógica o neoliberalismo seria “a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral devida.” (Dardot; Laval, 2013, p.15).



trabalho, mas o seu produto. Também apenas a desaceleração ou desaceleração não pode gerar outro tempo (Han, 2017, pp.32-33)

Esse arranjo voltado ao desempenho incessante é diferente da chamada sociedade disciplinar. A “sociedade disciplinar de Foucault feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje” (Han, 2017, p. 23), para o sul coreano hoje se ocupa *shoppings*, academias, bancos, aeroportos. A mudança de paradigma habita no desejo que ocupa o inconsciente coletivo de maximizar a produção, isso porque

A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever (Han, 2017, p. 25).

Diferente de sujeitos da obediência, tem-se hoje sujeitos de desempenho e produção, empresários de si mesmo. A sociedade disciplinar, que reflete a vigilância e a dominação de outrem, é representada pela negatividade da proibição. O *dever* é substituído pelo *poder*. No sujeito do desempenho, liberdade e coação se unem, o que faz com que este último se entregue a livre coerção de maximizar o desempenho. “Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos” (Han, 2017, p.30).

Como *homo líder* o sujeito do desempenho mostra-se *homo sacer* – fora da ordem do direito (HAN, 2021, p. 102). O sujeito se vê em um cenário de liberdade e habilidade ilimitada, onde o único limitador do seu sucesso/realização é si próprio. O verbo modal da atualidade é o *poder*, a auto coerção que impossibilita qualquer possibilidade contra ela. Nessa estrutura, o sujeito passa a se compreender como projeto lançado/livre, capaz de se reinventar incessantemente. Para Han (2020), o *eu* como projeto, entrega-se as coações do desempenho e da otimização. Nas palavras do filósofo sul-coreano, o “tempo no qual havia o *outro* passou. Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o



outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor” (HAN, 2022, p.7). O Outro desaparece, não pela repressão, mas pela depressão – “pressão interna”.

Vive-se, hoje, tempos de ruptura – ou, captura. Na sociedade do desempenho, o tempo, torna-se tempo de trabalho, sem início, sem fim (HAN, 2021b, p. 32). Nesses tempos não se pode parar e “fechar os olhos” (HAN, 2021b). “Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa, sem limites” (CRARY, 2014, p. 13). Saúde e repouso, definitivamente, não são postos como prioridade, o tempo “livre” do indivíduo foi substituído pelo tempo de trabalho, consumo e pelo marketing. Crary (2014) explicando as decorrências do mundo 24/7, explicita que o

planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo. A insônia é o estado no qual a produção, o consumo e o descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida e o esgotamento dos recursos (CRARY, 2014, p. 18)

O dano ao ócio, a preguiça, e, em suma, ao sono, é inseparável do desmantelamento da proteção social de direitos que se vive.

O mundo 24/7 é marcado por

um tempo de indiferença, contra o qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e dentro do qual o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa, sem limites. Alinha-se com o inanimado, com o inerte ou com o que não envelhece. Enquanto exortação publicitária, decreta a disponibilidade absoluta e, conseqüentemente, o caráter incessante das carências e sua incitação, mas igualmente sua manutenção perpétua. A ausência de restrições ao consumo não é simplesmente temporal (CRARY, 2014, p. 18).

Trata-se de um tempo de trabalho e consumo contínuos, 24 horas, 7 dias da semana, onde o principal inimigo é o sono e sua ausência de produção de mais valor. Logo, “fechar os olhos” também se caracteriza como um dos inimigos do capital 24/7. Tempos sem conclusão. Tempo sem início ou fim.

Nas palavras de Siddharta Ribeiro (2022),

A dependência da acumulação de dinheiro, objetos e experiências leva a uma epidemia consumista que devora o ambiente e devasta a mente. Na língua inglesa, o termo "*affluenza*" designa uma combinação de riqueza (*affluence*) e gripe (*influenza*), definida como uma "condição dolorosa, contagiosa e socialmente transmitida de



sobrecarga, dívida, ansiedade e desperdício, resultante da busca obstinada por mais (Ribeiro, 2022, p. 18)

Com o ambiente devorado, mente devastada e tempo capturado, o sujeito do desempenho envolve-se em uma competição incessante por mais. O tempo do sujeito do desempenho é capturado. Tudo se transforma em tempo de trabalho. As pausas, transformam-se em descanso para o trabalho. O sujeito do desempenho não tem mais a sorte aclamada por Belchior. Ao lado da liberdade, a felicidade distrai do sistema de dominação e tudo aquilo que representa uma negatividade ao sistema. O sujeito passa a ser um feliz algoz de si mesmo.

A sanidade do *sujeito de sorte* repousa no fato dele não mascarar seus sentimentos. Viver entre a vida e a morte. O sujeito do desempenho não. Em sua insanidade se mascara da felicidade e a dor é constantemente camuflada, para não ser sentida e, conseqüentemente, identificada. A dor representa a negatividade e o sofrimento. Vive-se tempos de *algofobia*, angústia generalizada da dor, que se volta a anestésias permanente. Assim, na iminência do sentimento de esgotamento e frustração: medicação. A Psicanálise se submete a lógica do desempenho cultivando a felicidade, o bem-estar e o otimismo. A dor é sinal de fraqueza, motivo pelo qual precisa ser neutralizada. Na mesma toada, a violência da positividade, fundamento das dores dos novos tempos, é neutralizada. Paralelamente a neutralização da dor pela violência da positividade, o indivíduo padece ainda com os impactos gerados pelo isolamento e a solidão.

Sorridente, dopado, depressivo e produtivo. Esse é o retrato do sujeito do desempenho, aquele que a sorte deixou em prol de uma epidemia consumista que agoniza o novo mundo.

2. A AGONIA DOS RITUAIS: EROSÃO DA COMUNIDADE, DA COMUNICAÇÃO E DA PERCEPÇÃO SIMBÓLICA

Nessa sociedade, formada pelos sujeitos do desempenho, que se delinea a *erosão da comunidade*, fato que será objeto de análise desse momento. Com a aceleração do tempo e a produção



dos rituais⁴⁴. Os rituais, como bem assinalado por Han (2021b), são ações simbólicas que geram reconhecimento e hospitalidade. Reconhecer implica em realizar o encontro com algo, ou alguém, mais de uma vez, tão logo, o reconhecer compreende permanecer permanentemente, transformando o “estar-no-mundo em esta-em-casa” (Han, 2021b, p. 10). Os rituais tem a tarefa de estabilizar a vida, como refúgios do cotidiano.

Para Han (2021b) os rituais trazem, pela sua repetição, uma espécie de estabilização da vida, ao contrário da coação pela produção, que impede e furta das coisas sua permanência, promovendo uma subjetivação avessa àquilo que demora, elogiando a rapidez, a fluidez, a alternância, nomes outros para incutir uma subjetividade sem reflexão, paradoxalmente, aumenta-se a expectativa de vida e do mesmo modo, torna-a cada vez mais breve, sem profundidade. Conforme mencionado, a sociedade do cansaço transmuta o tempo, “ao tempo falta hoje a estrutura firme. Ele não é uma casa, mas um fluxo volúvel (...) Ele se esvai (...) O tempo que se esvai não é habitável” (Han, 2021b, p. 11), uma vez que “a vida se torna, mais efêmera, e instável. Habitar, contudo, requer duração”. (Han, 2021b, p.19)

Nesse contexto, a própria arte é colonizada por essa dimensão, automatizando-a, o narcisismo do sujeito do desempenho requer a exposição objetiva e clara, límpida, sem rugosidades, sem meandros ou esquinas, logo, sem magia; e assim, encerra em seu pequeno mundo de clarezas a chance de encanto, de amor, de dor, de arte:

A arte se torna transparente em relação ao seu significado. Não seduz mais. O invólucro mágico é retirado. As formas não *dizem* mais por si mesmas. Um densificação, uma complexidade, uma ambiguidade, um exagero, uma grande ambiguidade, até a contrariedade, tudo isso caracteriza a linguagem das formas, dos significantes. Sugerem uma relevância sem que de pronto caiam em significados.

⁴⁴ Nesse momento, referencia-se outro escrito de Byung Chul Han, qual seja: O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Nessa obra, publicada em 2022, o autor se apresenta em uma espécie de desconsideração dos rituais, lançando a existência para uma dimensão unívoca do desempenho. O ensaio de Byung-Chul Han está dividido em onze capítulos, que poderíamos nominar, onze rituais, quais sejam: Observação prévia; Coação de produção; Coação de autenticidade; Rituais da conclusão; Festa e religião; Jogo de vida e morte; Fim da história; Império dos signos; do duelo às guerras de drones; Do mito ao dataísmo e Da sedução ao pornô.



Agora desaparecem em prol de significados e mensagens simplificadoras que são entulhadas na obra de arte. (Han, 2021b, p. 44)⁵

No processo em que até a arte é colonizada, o desaparecimento dos rituais envolve um debate sobre as patologias do presente e a erosão da comunidade, havendo a necessidade de se refletir sobre outras formas de vida que possam libertar a sociedade contemporânea de seu narcisismo coletivo .

3. O ÓCIO E A LITERATURA: O DIREITO A PREGUIÇA COMO ESPERANÇA DO TEMPO

O gozo da literatura, exige tempo, tempo individualizado – diferente de um filme, ou peça de teatro, tempo negado na sociedade do desempenho. Em sua potencialidade, a

literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam [...] A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida [...] Seu poder emancipado continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis [...] (Compagnon, 2009, p. 50)

Por essa via, sente-se e experiencia estórias inimagináveis, tornando o sujeito sensível ao fato que os Outros são diversos, *não* iguais e *universais* como se faz pensar o neoliberalismo. O fator da crítica viabilizado pelas narrativas é indispensável ao Estado Democrático de Direito, isso porque

A literatura liga, assim, seu destino a uma determinada não-censura, ao espaço da liberdade democrática (liberdade de imprensa, liberdade de opinião etc.). Não há democracia sem literatura, não há literatura sem democracia. Sempre é possível não querer saber nem de uma nem da outra, mas ninguém deixar de passar sem elas sob qualquer regime; é possível não as considerar, nem uma nem a outra, como bens incondicionais e direitos indispensáveis. Mas não é possível, em caso algum, dissociá-las uma da outra. Nenhuma análise seria capaz disso. Cada vez que uma obra literária é censurada, a democracia corre perigo, e todo mundo está de acordo quanto a isso. A possibilidade da literatura, a autorização que uma sociedade lhe dá, o fato de levantar suspeitas ou temor a seu respeito, tudo isso via junto – politicamente – com o direito ilimitado de fazer todas as perguntas, de suspeitar de

⁵ Ver: NOGUEIRA, B.G.B.; MOREIRA, N. C. . Tramas para posponer el fin del mundo. Una reseña del libro ?Ideias para adiar o fim do mundo? de Ailton Krenak. Revista De Derechos Humanos Y Estudios Sociales, v. 1, p. 155-172, 2022.



todos os dogmatismos, de analisar todas as pressuposições, quer as da ética, quer as da política de responsabilidade. (Derrida, 1995, p. 47-48)

Pela literatura, aposta-se, na criação de espaço simbólico de resistência, como uma possibilidade de desvelar para o narrador/ouvinte, os grilhões neoliberais que o prendem, isso porque a literatura não se permite aprisionar. Contudo, como horizonte de Derrida, a literatura pode, ao mesmo tempo ser abertura ou limite, progresso ou espera, motivo pelo qual não se desconsidera também as chances de ela ser alcançada pelo neoliberalismo no processo de totalização da vida.

Ao ser uma estranha instituição onde tudo pode ser dito, segundo o autor

A liberdade de dizer tudo é uma arma política muito poderosa, mas pode imediatamente se deixar neutralizar como ficção. Esse poder revolucionário pode tornar-se muito conservador. O escritor pode, igualmente, de fato ser considerado irresponsável. Ele pode, eu diria até que deve, às vezes, reivindicar certa irresponsabilidade, pelo menos no tocante a poderes ideológicos [...] que tentam cobrar dele responsabilidades extremamente determinadas perante os órgãos sociopolíticos e ideológicos. **Esse dever de irresponsabilidade, de se recusar a responder por seu pensamento ou por sua escritura diante dos poderes constituídos, talvez seja a forma mais elevada de responsabilidade. Diante de quem ou de quê? Eis toda a questão do porvir ou do acontecimento prometido por tal ou qual experiência, que há pouco eu chamava de democracia por vir. Não a democracia de amanhã, não uma democracia futura, que estará presente amanhã, mas aquela cujo conceito se relaciona ao porvir.** (Derrida, 2014, p. 53, grifo nosso)

O que permite a literatura ser essa estranha instituição, a possibilidade do dizer tudo do literário, tem íntima relação com a democracia moderna, espaço de liberdade e infinitas possibilidades⁶. Nesse contexto de mudança da sociedade e do indivíduo, paradoxalmente, sutil e súbita, o presente trabalho passará a uma abordagem interdisciplinar de forma a compreender as novas estratégias de dominação do capital amparado, mais uma vez, na força de trabalho em favor de seu crescimento predatório e inescusável.

⁶ No que tange a essa íntima relação, Derrida (2014) destaca que não significa dizer que a literatura dependa de uma democracia instaurada, mas seria inseparável de “uma democracia por vir, no sentido mais aberto (e, indubitavelmente, ele mesmo por vir) de democracia” (DERRIDA, 2014, p. 51). Dessa maneira, como a democracia que se funda em uma promessa se abertura para além dos limites legais, a literatura também, motivo pelo qual se reconhece o risco e possível captura da instituição pela estrutura que totaliza a vida, em prol da produção.



XI CIDIL

Colóquio Internacional
Direito e Literatura

Direito e Literatura nos 100 anos de Modernismo no Brasil

Dessa maneira, há a necessidade de ressignificar a relação do sujeito com o tempo e o trabalho. Conforme mencionado, o sujeito atual trabalha/produz incessantemente. Assim, a escolha em negar o ócio e a fruição de bens culturais e humanos, como a literatura é intuitiva, uma vez que por traz da neutralidade do discurso e do fomento ao empreendedorismo, agoniza-se as narrativas em sua potencialidade como chave para a desestruturação e crítica do sistema dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, considera-se que a arte, mesmo que atualmente colonizada, aponta-se como uma das possibilidades mais palpáveis para e escapar às armadilhas neoliberais e a neutralização da crítica, uma vez que, por essa alternativa, caminha-se rumo ao Outro, aos Outros, no tempo presente-passado-futuro. Escapando a neutralização da crítica, o indivíduo, para além do seu narcisismo e egoísmo sistêmico, ressignifica sua vida em comunidade para insurgir contra os grilhões, invisíveis, do neoliberalismo dando lugar, a partir da arte de viver, a vida em comunidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Daniel Pereira; OTA, Nilton Ken. *Uma alternativa ao neoliberalismo*: entrevista com Pierre Dardot e Christian Laval. *Tempo Social*, v. 27, p. 275-316, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnbin. 8. ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 2012. v.1.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente; tradução Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2011. p.169- 191.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*, Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2013.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Lévinas*: Tradução de Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008a.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda, revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Favor fechar os olhos*: em busca de um outro tempo. RJ, ed. Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais*: uma topologia do presente. Editora Vozes, 2021b.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Editora Âyiné. Belo Horizonte, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2015.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade Paliativa*: a dor hoje. Petrópolis, 1 ed. Vozes, 2021c.

LAFARGUE, Paul; trad. José Alfaro. *O direito à preguiça*. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2016.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito*. Antonio Machado Libros, 2015.



NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. *Direito e Literatura: hospitalidade e invenção*. Belo Horizonte, 2018.

RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto: Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico*. Companhia das Letras, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O direito dos oprimidos*. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Poderá o direito ser emancipatório?* Revista crítica de ciências sociais, n. 65, p. 03-76, 2003.